

A Pastoral das Exéquias no contexto da Covid-19: sepultamentos realizados sem o ritual da esperança

The Funeral Ministry in the Covid-19 context: burials performed without the ritual of hope

Lindolfo Alexandre de SOUZA¹

 0000-0001-8249-9260

Blanches de PAULA¹

 0000-0003-3608-6822

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de refletir sobre a suspensão da realização dos rituais das exéquias em tempos de pandemia de Covid-19, em função das medidas sanitárias governamentais implementadas, a fim de evitar o alastramento do vírus. Se para a Igreja Católica Apostólica Romana a realização da liturgia das exéquias antes do sepultamento é uma forma, entre outras, de acompanhar os momentos finais da pessoa falecida, entregando-a a Deus, bem como uma oportunidade para proferir uma palavra de conforto e de esperança às pessoas enlutadas, este texto, por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, procura pensar em que medida a não realização desse serviço religioso deixa uma lacuna na atuação pastoral da instituição. Importante destacar que a suspensão do ritual das exéquias no contexto pandêmico não diz respeito a toda a Igreja Católica, mas a situações específicas e localizadas, como a da cidade de Campinas (SP), onde parte das cerimônias exequiais deixou de ser realizada.

Palavras-chave: Igreja Católica. Luto. Morte.

Abstract

This paper aims to reflect on the suspension of funeral rituals, in times of the Covid-19 pandemic, due to governmental sanitary measures implemented to prevent the spread of the virus. If, for the Roman Catholic Church, performing the funeral liturgy before burial is a way, among others, to accompany the deceased person's final moments, handing him over to God, as well as an opportunity to speak a word of comfort and hope to grieve family and friends, this text, through bibliographical and documental research, considers to what extent the non-realization of this religious service leaves a gap in the institution's pastoral action. It is essential to highlight that the suspension of the funeral ritual in the pandemic context does not concern the entire Catholic Church but in specific and localized situations, such as the city of Campinas (SP), where part of the funeral ceremonies is no longer held.

Keywords: Catholic church. Mourning. Death.

¹ Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Teologia, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. R. Alfeu Tavares, 149, Rudge Ramos, 09641-000, São Bernardo do Campo, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: B. PAULA. E-mail: <blanches.paula@metodista.br>.

Introdução

A maneira como se vive a experiência religiosa foi alterada de forma significativa no contexto da pandemia de Covid-19. Com o objetivo de conter a expansão do vírus, diversas medidas sanitárias foram implementadas pelos departamentos públicos de saúde e, entre elas, destaca-se aquela que estabeleceu critérios e limites para a realização de atividades religiosas presenciais nos locais de culto. Em períodos nos quais a relação entre pessoas infectadas e vagas disponíveis nos hospitais apontou um quadro extremo, cultos religiosos chegaram a ser proibidos, ao passo que, em situações consideradas menos graves pelos órgãos públicos, as atividades religiosas presenciais passaram a ser permitidas – ainda assim, com restrições à quantidade de participantes em função do tamanho do espaço.

Nesse contexto, uma alternativa buscada por diversas igrejas e instituições religiosas para manter o contato com seus frequentadores e, assim, dar continuidade a alguns de seus projetos, foi potencializar – ou iniciar, em algumas situações – a presença junto aos meios de comunicação social e redes sociais digitais disponíveis internet. Ainda que não seja o foco principal deste estudo, é importante apontar que esse processo de midiaticização da religião, que é anterior à pandemia de Covid-19, mas nela foi intensificado, tem sido assunto de pesquisas científicas em áreas como comunicação, teologia, ciências da religião ou ciências sociais, entre outras. Nesse contexto, para Sbardelotto (2013, p. 349, grifo do autor), constata-se:

[...] o *desvio* do olhar do fiel dos templos tradicionais para os novos templos midiáticos e digitais, que estimulam, sob novos formatos e protocolos, a experimentação de uma prática religiosa que encontra suas raízes na realidade offline, mas que é agora ressignificada para o ambiente digital, possibilitando uma experiência religiosa por meio da rede. Ou seja, as pessoas passam a encontrar uma oferta da fé não apenas nas igrejas de pedra, nos sacerdotes de carne e osso e nos rituais palpáveis, mas também na religiosidade existente e disponível nos bits e pixels da internet. O fiel, onde quer que esteja, quando quer que seja – diante de um aparelho conectado à internet –, pode desenvolver um novo vínculo com o transcendente e com sua comunidade, e um novo ambiente de culto.

No caso da Igreja Católica Apostólica Romana², recorte em que este trabalho foca, também é possível identificar a opção pelas plataformas tecnológicas como uma forma de oferecer serviços religiosos nos tempos da pandemia. Além de diversas emissoras de televisão de inspiração católica, algumas de abrangência nacional e outras de alcance regional, a instituição conta com uma rede católica de emissoras de rádio e uma presença significativa na internet. Junto a isso, são muitas as paróquias católicas que possuem seus canais próprios nas redes sociais, além de iniciativas ligadas a arquidioceses, dioceses, congregações religiosas, comissões pastorais ou movimentos, entre outros organismos eclesiais. Com toda essa estrutura, é possível afirmar que a população católica brasileira consegue ter acesso, diariamente, a uma série de serviços religiosos de forma não presencial, como transmissões de missas, momentos de oração, pregações, palestras e cursos com conteúdo formativo, entre outros.

Mas se é verdade que muitos serviços religiosos católicos puderam ser oferecidos e/ou transmitidos por meio da tecnologia digital no tempo pandêmico, é necessário considerar que na lista de atividades desenvolvidas pela Igreja Católica há aquelas que encontram maior dificuldade para adaptar-se aos processos de midiaticização.

² Nas próximas menções à Igreja Católica Apostólica Romana ao longo deste texto, será utilizada a expressão Igreja Católica. Ao optar pelo termo reduzido, entretanto, não se pretende tomá-lo como única expressão de instituições religiosas católicas, pois se reconhece a existências de outras Igrejas Católicas autônomas e independentes em relação ao catolicismo romano.

Entre os serviços católicos que exigem a presencialidade está a celebração da liturgia das exéquias, geralmente realizada nos cemitérios, com a presença de familiares e amigos/as da pessoa falecida, momentos antes do sepultamento ou da liberação do corpo para cremação. Ainda que existam empresas especializadas na transmissão de velórios pela internet, a prática ainda não é tão popularizada, de forma que a dinâmica dos rituais católicos de exéquias, na maioria das vezes, continua sendo presencial. Mesmo nas poucas situações em que a liturgia das exéquias é transmitida pelas plataformas digitais, ela exige a celebração presencial: uma parte desse ritual, por exemplo, é a aspersão do corpo da pessoa falecida com a água benta, o que exige a presença de alguns participantes, ainda que poucos, no local de realização do rito.

Diante desse quadro, em algumas dioceses e/ou cidades brasileiras, por conta das restrições sanitárias, as celebrações das exéquias foram suspensas e, dessa forma, parte da população católica acabou ficando privada da recepção desse serviço religioso, fenômeno que se transforma em objeto de reflexão deste artigo³.

No início de 2020 – portanto, no semestre em que o vírus da Covid-19 se colocava como uma preocupação mundial –, a revista *Teopraxis*, vinculada ao Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, o Itepa, publicou uma edição a respeito da teologia em tempos de pandemia e, nela, há um artigo escrito pelo padre Clair Favreto com o título “Teologia das Exéquias em tempos de pandemia”, o qual – em função da aderência ao presente estudo – foi tomado como uma das referências de leitura.

Ainda que diversas preocupações daquele texto sejam comuns, há pelo menos dois destaques a serem feitos, os quais apontam para uma diferença no recorte realizado: (a) o texto de Favreto (2020) foi escrito no início da pandemia, ao passo que, no momento de redação deste trabalho, mais de um ano e meio depois, há elementos novos capazes de contribuir com a reflexão; (b) aquele artigo fazia alusão às dificuldades de realização das exéquias em função das restrições às reuniões de pessoas, enquanto este trabalho se preocupa com as situações nas quais, em função do agravamento do cenário da saúde, esses rituais deixaram de ser realizados.

Nesse sentido, este texto se propõe a abordar o tema por meio das seguintes etapas: a primeira seção procura apresentar um pouco do que a Igreja Católica entende por Pastoral das Exéquias e como ela está inserida na proposta evangelizadora da instituição. Em seguida, o objetivo é descrever, a título de exemplo, aspectos da experiência da Pastoral das Exéquias na cidade de Campinas, São Paulo, tendo em vista que os/as ministros/as das exéquias encontraram restrições para frequentar os cemitérios a partir de março de 2020. Finalmente, a última seção se propõe a problematizar a questão, provocando uma reflexão, ainda que inicial, sobre questões que emergem do processo de realização de sepultamentos de pessoas católicas sem a celebração do ritual das exéquias, tanto para as famílias enlutadas quanto para a instituição. Acentua-se, na última seção, a dimensão teológica da esperança cristã como elemento fundamental para o processo de vivência e de superação do luto. Nesse contexto, portanto, em alusão ao título deste trabalho, a experiência de enterrar os mortos sem a celebração das exéquias significa sepultá-los sem o ritual da esperança.

A Pastoral das Exéquias

A expressão Pastoral das Exéquias, também denominada em alguns contextos como Pastoral da Esperança ou Pastoral da Consolação, identifica o serviço religioso por meio do qual a Igreja Católica se

³ Ainda que tenha um recorte na área da saúde mental, vale considerar o artigo “Rituais fúnebres na pandemia da Covid-19 e luto: possíveis reverberações” (Giamattey, 2022). Com o objetivo de estudar a ausência de rituais fúnebres no período da pandemia de Covid-19 no processo de viver o luto, as autoras analisaram 67 reportagens sobre esse assunto publicadas em três jornais online.

organiza para fazer-se presente na vida de seus membros nos momentos em que eles estão vivendo a experiência da morte. Se as palavras consolação e esperança têm uma conotação mais precisa no sentido de evidenciar os objetivos desse trabalho de evangelização, o termo exéquias, apesar de ser o mais utilizado no interior da igreja, paradoxalmente, é menos conhecido pelas pessoas, e, por isso, pede uma reflexão sobre seu significado. Para tanto, um caminho é voltar-se à etimologia da palavra.

De acordo com Saraiva (1993, p. 460) o termo *exsequiae*, em latim, pode ser traduzido por “pompa fúnebre, exéquias, funerais, préstito, enterro pomposo”. Na mesma obra é possível encontrar a expressão *exsequias ire* com o sentido de “acompanhar um préstito fúnebre”. Revestida de um sentido religioso, entretanto, a Pastoral das Exéquias não se limita à literalidade da palavra e associa um sentido novo para a ideia de “acompanhamento”. Não se trata apenas de acompanhar o cortejo fúnebre até a sepultura, mas de um processo por meio do qual a Igreja Católica propõe um conjunto de ritos e de orações para estar presente nos últimos momentos da pessoa falecida, entregando-a à misericórdia de Deus e, além disso, colocar-se próxima das pessoas que vivem o sofrimento e o luto provocados pelo falecimento de um ente querido. Trata-se, portanto, de um acompanhamento que se dá em duas perspectivas:

[...] a primeira, está voltada ao defunto, isto é, ao filho que partiu e que a Igreja quer acompanhar a fim de entregá-lo a Deus; a segunda, volta-se aos mais próximos dele, ou seja, a Igreja dirige uma palavra de conforto aos presentes no funeral, através de todo o rito que vai acontecendo (Favreto, 2020, p. 88, grifo do autor).

A primeira perspectiva, portanto, a de acompanhamento à pessoa que acaba de falecer, está inserida em um contexto teológico que não é o objeto principal deste trabalho, mas a respeito da qual, em vista de um melhor entendimento, faz-se importante uma breve explicação. De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (1993, §1683):

A Igreja, que, como mãe, trouxe sacramentalmente em seu seio o cristão durante sua peregrinação terrena, acompanha-o ao final de sua caminhada para entregá-lo ‘às mãos do Pai’. Ela oferece ao Pai, em Cristo, o filho de sua graça e deposita na terra, na esperança, o germe do corpo que ressuscitará na glória.

É por isso que a cerimônia de exéquias é também chamada de encomendação. Ou seja, a comunidade cristã, reunida diante do corpo da pessoa falecida, faz um gesto de entrega e a recomenda à misericórdia de Deus, num processo que faz alusão à dimensão do ensinamento cristão de que a morte não é o final da trajetória humana. Essa dimensão é destacada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), quando afirma que as exéquias “[...] têm em vista exprimir o caráter pascal da morte cristã. Anunciam à comunidade reunida a vida eterna, ao mesmo tempo que realçam o caráter de provisoriedade da vida aqui na terra” (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2017, p. 7).

Nessa direção, é importante observar o assinalado pelo pesquisador Evaristo Eduardo de Miranda a respeito de que o dia da morte de uma pessoa, desde o início da cristandade, era tido pelos cristãos como o primeiro dia da sua vida eterna. Ele faz alusão à expressão latina *vere dies natalis*, a qual pode ser traduzida por “verdadeiro dia do nascimento”. Aliás, essa ideia está presente, também, no Catecismo da Igreja Católica: “[...] o dia da morte inaugura para o cristão, ao final de sua vida sacramental, a consumação de seu novo nascimento iniciado no Batismo” (Catecismo da Igreja Católica, 1993, §1682). Interessante que a Igreja Católica segue essa perspectiva quando define a data de celebração da festa litúrgica dos/as santos/as que canoniza. Com poucas exceções, as quais confirmam a regra, sempre a Igreja propõe que a comemoração seja no dia da morte, e não no dia do nascimento.

Para o mundo, morreu, acabou. Para nós, cristãos, morreu, começou. No batismo, começamos a nascer; na morte, completamos nosso nascimento. Quando o moribundo dá seu último suspiro,

para os cristãos ele acabou de nascer. Começou a nascer no batismo e agora completa seu nascimento (Miranda, 1998, p. 47).

Essa dimensão da morte como o verdadeiro dia do nascimento, esse para a vida eterna, dá sentido ao símbolo litúrgico de aspersão do corpo da pessoa defunta com a água benta, a mesma que foi derramada sobre sua cabeça no dia do batismo. Se no dia do batizado a água benta foi sinal de inserção na comunidade eclesial, a água aspergida sobre o defunto no ritual das exéquias, transforma-se num pedido a Deus para que a pessoa passe por um novo momento de inserção, dessa vez definitiva, na igreja celeste que, de acordo com os ensinamentos da Igreja Católica, é composta pelas pessoas que vivem no céu junto de Deus.

Se a primeira perspectiva está ligada à proposta de oferecer um serviço religioso à própria pessoa falecida, a segunda perspectiva – a que mais interessa a este estudo – diz respeito ao acompanhamento que a Igreja Católica pretende realizar, por meio do trabalho da Pastoral das Exéquias, às pessoas que sofrem pelo falecimento da pessoa amada. De acordo com Favreto (2020, p. 22), “[...] a celebração do ritual das exéquias permite à família do falecido amenizar a dor e o sofrimento, ouvir palavras de esperança que brotam da Sagrada Escritura, dos cantos, das orações, das palavras do padre e elaborar o luto da morte”.

Além de poder proferir uma palavra de esperança às pessoas católicas mais engajadas e participantes da instituição, a Igreja Católica entende que a celebração dos rituais das exéquias coloca-se, também, como uma oportunidade para estabelecer um contato com aquelas que, embora se declarem católicas, não vivem de maneira tão próxima da instituição, realidade bastante presente no cenário religioso brasileiro: a de católicos/as não-praticantes.

Para muitos católicos as exéquias são as poucas vezes que entram em contato com a liturgia da Igreja. Os ministros devem prepará-las e celebrá-las com muito zelo, pois, por meio delas, os filhos pródigos poderão sentir-se chamados a voltar à casa paterna. Sintonizar com a dor dos presentes, parentes e amigos deve ser o primeiro cuidado a se ter em conta (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2017, p. 8).

Além das dimensões apontadas acima, a celebração das exéquias é importante para que as pessoas vivam, a partir de sua fé religiosa, a dimensão dos ritos em seus processos de luto ocasionados pela morte de uma pessoa próxima. Vale a pena considerar, nesse sentido, a seguinte pergunta: “Seria possível enterrar um ser querido sem ritos?” (Miranda, 1998, p. 17). Mesmo sem apresentar uma resposta cabal, esse autor aponta que a existência de rituais para viver a experiência da morte é algo presente na história humana. Em outra obra, ele afirma que “[...] as honras fúnebres variam entre as culturas, mas sempre existem e deveriam ser cultivadas. Se uma cultura perde a capacidade de honrar seus mortos é porque já não sabe honrar os vivos” (Miranda, 1996, p. 16). Na mesma perspectiva se encontra a reflexão do médico psiquiatra Callia. Para ele,

Na tentativa de ajudar o homem em seu confronto com a morte, e conseqüentemente com a separação, foram criadas centenas de manifestações culturais, como rituais, celebrações, cultos, rezas, danças, cânticos e expressões dramáticas. O fato de a morte marcar um fim físico requer um ritual ou uma atitude de respeito (Callia, 2005, p. 8).

Sobre esse aspecto, é importante destacar que nem todos os ritos utilizados pelo ser humano para buscar/construir um sentido/significado para a morte são religiosos, o que não significa descartar a experiência religiosa como um caminho, entre outros, para essa tarefa. Nesse sentido, Franco e Torres (2017, p. 226), quando apresentam uma reflexão sobre religião, morte e políticas públicas de saúde, identificam a presença da dimensão religiosa nos processos de reumanização da morte: “[...] a elaboração

do luto e da perda são, ao mesmo tempo, individuais, mas também parte de uma dinâmica social, a qual era conhecida desde muito tempo pelo curioso hibridismo religioso brasileiro, por exemplo, que maneja coletivamente essas questões”.

Na mesma obra, as autoras destacam outra ideia, a qual pode ser lida como complementar à anterior, no sentido de sustentar que a dimensão religiosa tem um papel relevante no processo de vivência e superação do luto. Para elas, “[...] seria superficial abordar a morte e os processos de enfrentamento do luto sem considerar os elementos religiosos que são componentes fundamentais na formação da sociedade brasileira, além de caracterizarem-se como elemento de resistência identitária” (Franco; Torres, 2017, p. 273).

Assim, é possível afirmar que no caso específico da Pastoral das Exéquias da Igreja Católica, as celebrações das exéquias colocam-se, também, como uma oportunidade para essa comunidade ritualizar a perda, e podem contribuir para ao processo de superação do luto.

A Pastoral das Exéquias da Arquidiocese de Campinas

Se as páginas anteriores apresentaram uma reflexão sobre o que a Igreja Católica pretende com a Pastoral das Exéquias, bem como sobre a importância do ritual religioso no processo de superação do luto, faz-se importante considerar, a título de exemplo, uma situação identificada na cidade de Campinas, interior do Estado de São Paulo, na qual, a partir de março de 2020, aconteceu a suspensão das celebrações exequiais.

Conforme notícia publicada pelo portal UOL Notícias datada de 14 de março de 2020, o arcebispo metropolitano de Campinas, Dom João Inácio Müller, determinou a suspensão de realização de missas em toda a cidade de Campinas em função do vírus da Covid-19 em atendimento a uma exigência da Prefeitura Municipal, publicada no Diário Oficial do Município, que exigia a suspensão de eventos religiosos com aglomeração de pessoas (Varella, 2020). Ainda que o título da reportagem faça menção apenas à suspensão de missas, a orientação do arcebispo orientou pela não realização de outras atividades religiosas católicas, entre as quais, as celebrações das exéquias. Inclusive, a própria notícia assinala que “[...] o arcebispo afirma que está cumprindo uma exigência do poder público municipal, que determinou suspensão de todos os eventos com grande presença de público” (Varella, 2020, online)⁴.

A suspensão das celebrações das exéquias nesse período na cidade de Campinas se deu em um contexto marcado por duas motivações. A primeira, advinda da própria orientação do arcebispo em relação a não realizar “eventos com grande presença de público”, ao passo que a segunda pela própria questão sanitária, já que era significativa naquele período a quantidade de pessoas falecidas vítimas da Covid-19, em um momento de alto estágio de contaminação, o que poderia colocar em risco a saúde dos/as ministros/as das exéquias.

Assim, por meio dessa pesquisa não é possível afirmar que essa suspensão foi restrita, ou não, a essa arquidiocese, mas é bastante razoável supor que esse fenômeno tenha acontecido também em outras dioceses católicas do Brasil.

⁴ Ainda que não tenha sido encontrado registro sobre a suspensão das celebrações das exéquias na cidade de Campinas no período em referência, o acesso à informação se deu pelo testemunho de um dos autores deste texto, que atua voluntariamente como ministro extraordinário das exéquias no Cemitério Aleias/Flamboyant, na cidade de Campinas (SP).

A Comissão Arquidiocesana de Pastoral das Exéquias é a instância responsável pela articulação do trabalho que a Arquidiocese de Campinas realiza em 20 cemitérios, distribuídos em nove municípios. Além de Campinas, a sede, essa arquidiocese congrega as cidades de Elias Fausto, Hortolândia, Indaiatuba, Monte Mor, Paulínia, Sumaré, Valinhos e Vinhedo. De acordo com dados disponibilizados pela Comissão Arquidiocesana aos agentes da pastoral, até antes da pandemia o trabalho era realizado por 176 ministros/as das exéquias, sendo 8 diáconos permanentes e 168 leigos e leigas, os quais foram investidos e designados extraordinariamente para essa tarefa⁵.

Por meio de escalas de revezamento, esses agentes de pastoral frequentam diariamente os cemitérios para a realização das celebrações das exéquias sempre que solicitado pelas famílias. A presença dos padres nesse trabalho também existe, porém em menor frequência e em situações específicas, geralmente quando a família da pessoa falecida faz um convite diretamente ao sacerdote. Dessa forma, assim como na maior parte dos trabalhos pastorais da Igreja Católica, a presença da instituição nessa área se dá, majoritariamente, pela participação de leigos e leigas.

Se em março de 2020, conforme apontado acima, em um momento em que as pessoas e as instituições ainda estavam tentando compreender os impactos do vírus da Covid-19 a fim de encontrarem a melhor forma de combatê-lo, houve na Arquidiocese de Campinas uma orientação para que os/as ministros/as suspendessem a atuação nos cemitérios. Com o avanço dos meses, paulatinamente, a situação foi se alterando

No momento da redação deste artigo, em setembro de 2021, portanto um ano e seis meses após a suspensão das atividades, é possível afirmar que nas cidades menores da arquidiocese, nas quais o número de falecimentos é menor e, por isso, é possível administrar melhor a realização de celebrações sem aglomeração, apenas com poucos membros da família, o período de suspensão foi menor. Inclusive, em algumas situações quase não houve interrupção.

Mas na cidade de Campinas, especificamente, a orientação para retorno da atividade pastoral no cemitério só foi feita no final de setembro de 2021, na perspectiva da retomada das escalas durante o mês de outubro de 2021. Ainda que algumas exéquias tenham sido realizadas durante o período de suspensão, em situações excepcionais em que a família enlutada conhecia algum padre, diácono ou ministro/a das exéquias, é possível afirmar que, de maneira geral, esse serviço religioso não foi oferecido regularmente na cidade de Campinas pelo período de, pelo menos, um ano e meio.

Como uma forma de amenizar a situação, a Comissão Arquidiocesana de Pastoral das Exéquias sistematizou dois roteiros de oração, de duas páginas cada um, para enviar às famílias que quisessem fazer um momento de oração junto ao corpo da pessoa falecida, mesmo sem a presença oficial da Igreja Católica: um roteiro mais geral e outro específico para os casos de falecimento de crianças. Esses roteiros, entretanto, ainda que tenham possibilitado um momento de oração coordenado por algum membro da família, não significaram a realização do ritual das exéquias, o qual – usualmente – é celebrado de forma exclusiva pelos/as ministros/as enviados oficialmente pela igreja.

Assim, com a suspensão da escala de plantão nos cemitérios, pelo menos no período descrito acima, é possível afirmar que parte significativa da população católica da cidade de Campinas enterrou seus mortos sem a celebração do ritual das exéquias.

⁵ Da mesma forma que na nota anterior, faz-se importante registrar que esses dados referentes aos números da Pastoral das Exéquias na Arquidiocese de Campinas, ainda que não publicados, estão disponíveis aos agentes dessa pastoral.

Sepultamentos sem a palavra da esperança

A seção anterior, ao descrever alguns elementos do trabalho da Pastoral das Exéquias na cidade de Campinas, São Paulo, apresentou a questão central a ser problematizada neste texto: em função da pandemia de Covid-19, pessoas católicas foram sepultadas sem a realização do ritual das exéquias. A este trabalho não importa a preocupação com a quantidade de pessoas nem com o tempo que durou a suspensão das exéquias, tarefa que fugiria aos limites deste trabalho e exigiria outros métodos de pesquisa, mas, ao sustentar que essa realidade existiu durante um período – ao menos na cidade de Campinas –, a questão já suscita uma reflexão a respeito desses sepultamentos de católicos/as nos quais o ritual das exéquias deixou de ser realizado. Favreto (2020, p. 22), ao referir-se a esse fenômeno, afirma que:

[...] orientados pelas autoridades sanitárias, a Igreja fechou suas portas, não pode celebrar a vida do irmão que partiu e, em muitas situações, também não foi possível aspergir o caixão do falecido e, muito menos, o seu lugar de sepultura. A pandemia provocou o isolamento social e, este, não permitiu que a Igreja pudesse fazer um verdadeiro ato de acompanhamento tão importante e necessário para encomendar a Deus a vida do irmão e para consolar e confortar os que perderam seu ente querido.

Ao refletir sobre essa realidade, Frei Luiz Carlos Susin acrescenta mais uma consequência dos enterros realizados sem a cerimônia religiosa. De acordo com ele, a ausência dos rituais pode colocar em risco o processo de humanização.

‘Mandem para cá um padre porque não queremos morrer como animais’, esse era o clamor em carta de um grupo das primeiras levas de migrantes italianos da serra gaúcha. Não era só um grito de cristãos, era a dignidade humana em jogo: nascemos e morremos como humanos através de rituais (Susin, 2020, online).

Nesse sentido, se, como foi apresentado anteriormente, a Igreja Católica entende que a realização das exéquias é uma forma de acompanhar as pessoas na hora da morte, considerando tanto a pessoa falecida quanto aquelas que sofrem por seu falecimento, é possível afirmar que a não realização desses rituais deixa uma lacuna na ação evangelizadora dessa instituição. Essas lacunas se localizam em duas dimensões: a primeira diz respeito à tarefa de oferecer o serviço religioso nos últimos momentos antes do sepultamento ou cremação do fiel cristão, ao passo que sobre a segunda perspectiva – a de acompanhar as pessoas enlutadas –, é possível apontar pelo menos duas consequências.

A primeira consequência é para a própria Igreja Católica, que se vê impossibilitada de afirmar às pessoas enlutadas um de seus pilares de fé, que é a esperança na ressurreição; a segunda, para as pessoas que cultivam uma experiência religiosa católica e estão sofrendo a dor do falecimento de um ente querido, já que perdem a possibilidade de contar com o ritual religioso como uma contribuição – não a única – para vivenciar a experiência do luto e buscar sua superação.

Se a Pastoral das Exéquias é chamada em algumas realidades de Pastoral da Esperança, conforme já sinalizado neste texto, faz-se necessário apontar alguns elementos para a compreensão do que a Igreja Católica entende como a esperança cristã diante da morte. Não se trata, contudo, de dissertar de forma aprofundada sobre a abordagem da esperança como uma das três virtudes teológicas – junto com a fé e a caridade –, nem tampouco de buscar uma abordagem bíblica sobre essa questão – tarefas importantes, mas que fugiriam ao escopo deste texto –, mas sim, em consonância com as questões levantadas acima, salientar a dimensão da esperança na ressurreição como uma perspectiva para dialogar com as pessoas que estão sofrendo pelo falecimento de alguém amado.

Nas palavras do arcebispo Dom Geraldo Lyrio Roca, ex-presidente da CNBB, por ocasião da apresentação do livro “Nossa Páscoa: subsídios para a celebração da esperança”, o conteúdo a ser proclamado pela Igreja no contato com as pessoas enlutadas fundamenta-se na articulação entre esperança e ressurreição. Para ele,

[...] a presença do Senhor Ressuscitado, no momento de dor e sofrimento com a separação causada pela morte, nos reconforta e enche de esperança. Nessa hora, não pode faltar a presença amiga, fraterna e solidária da comunidade eclesial junto àqueles que foram visitados pela morte. Em muitos lugares, as equipes de Pastoral da Esperança têm realizado belíssimo trabalho, reconfortando os que choram, acompanhando a família enlutada e sobretudo acendendo em todos a chama da fé em Cristo Ressuscitado, garantia de nossa ressurreição (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2017, p. 5).

Outro autor importante que pode contribuir com essa reflexão é Jürgen Moltman, com sua teologia da esperança. Segundo o autor, o binômio morte e ressurreição é a base da identidade cristã. Ou seja, o cristianismo se baseia na esperança da continuidade da vida após a morte, por meio da fé na existência da ressurreição. Nesse sentido, a morte coloca-se como uma espécie de ‘rito’ de passagem para a eternização da vida,

A esperança cristã no Deus que ressuscita os mortos e do nada cria o ser admite radicalmente a morte, com tudo o que ela tem de mortífero, isto é, em sua raiz, que afunda no *nihil* [nada]. Não é um fenômeno entre os outros, dos quais nenhum atinge o eu. A vida não possui nenhum ponto de identidade que a torne exterritorial ou imune à morte. Antes, a vida pode ser concebida como vida para a morte pela fé na ressurreição e a esperança naquele que cria a vida da morte (Moltmann, 2003, p. 37)

Nesse sentido, ainda que a esperança na ressurreição indique a ideia de que a morte não é o final da trajetória, mas a de que a vida do ser humano continua na perspectiva da vida eterna, é interessante notar que o discurso da esperança não aponta somente para a dimensão sobrenatural. De acordo com Pereira (2015), há uma dupla dimensão no trabalho da Pastoral das Exéquias: esperança nas promessas eternas e, também, na vida terrena. Para ele, trata-se da missão de

[...] levar a esperança. Sobretudo, esperança na ressurreição. Assim, a presença da Pastoral da Esperança junto às famílias enlutadas, é a presença da Igreja que crê no Cristo ressuscitado e na ressurreição. Além disso, é também a esperança nessa vida, pois embora a família tenha perdido um membro, a vida continua e não se pode esmorecer com isso (Pereira, 2015, p. 12).

Em sintonia com essa perspectiva, vale a pena considerar a indicação do Frei Carlos Josaphat (1998, p. 44), a qual aponta que a esperança nas realidades sobrenaturais impulsiona a pessoa cristã a tomar seu protagonismo na vida terrena. Para ele, a virtude da esperança é “[...] a firme confiança de obter a Felicidade divina e tudo o que a ela conduz, apoiando-se na certeza da promessa e da graça divina, e se tornando assim coragem paciente, energia criadora e transformadora na existência e na história”.

Essa leitura aponta que a esperança não pode ser reduzida a uma simples espera, nem tampouco a uma atitude passiva de ficar esperando promessas de realizações futuras e sobrenaturais; mas, como apontado pelo autor, como energia criadora e transformadora da existência, a esperança cristã dialoga com a dimensão humana da pessoa em seus níveis de realização. “Em um plano propriamente humano, a esperança vai ao encontro dos desejos e projetos racionais, animando o viver, o conviver e o agir da pessoa e da sociedade” (Josaphat, 1998, p. 45). Assim, diante do luto provocado pela morte, ao animar o viver, o conviver e o agir, a esperança cristã coloca-se como um fator importante para lembrar a pessoa enlutada que a morte, ainda que dolorosa, não tem a última palavra. Nessa direção é interessante acrescentar a

observação de Sung (2005, p. 28), para quem a esperança “[...] que nasce da fé na ressurreição de Jesus, o Crucificado, não nega a história – seja colocando a esperança só na vida pós-morte, fora da história, seja não reconhecendo os limites e as contradições da história”.

Apoiar-se na esperança da ressurreição, nesse sentido, não significa que a dor não exista e nem se configura como uma tentativa de interditar o direito à tristeza pela morte, mas uma perspectiva de, mesmo reconhecendo a situação de luto – de dor e de sofrimento –, propor que a pessoa busque caminhos de superação. Trata-se, portanto, de uma presença religiosa que se propõe a proclamar a esperança cristã na vida que não termina com a morte, animando-a a continuar a sua trajetória até que chegue o seu momento final. Assim, retomando o título deste trabalho, é possível afirmar que, ao enterrar seus mortos sem a celebração das exéquias, em função das restrições provocadas pela pandemia de Covid-19, parte da população católica ficou privada do ritual da esperança.

Considerações Finais

Este trabalho teve o objetivo de propor uma discussão sobre a situação identificada na cidade de Campinas (SP) a respeito da suspensão da realização dos rituais fúnebres, denominados de celebração das exéquias, pela Igreja Católica Apostólica Romana em atendimento às medidas sanitárias provocadas pela pandemia de Covid-19. A partir dos elementos propostos, a reflexão apontou pelo menos duas consequências dessa realidade de sepultamentos de pessoas católicas sem o ritual religioso: para a Igreja Católica, que perde uma oportunidade de fazer-se presente junto às pessoas enlutadas, e para as pessoas que lamentam a perda de uma pessoa querida, pois perdem a oportunidade de tomar o ritual religioso como um elemento de enfrentamento e de superação do luto.

Trata-se de uma reflexão inicial e limitada, inclusive pela estrutura e pelo tamanho do texto apresentado. Esse reconhecimento implica que ela pode vir a ser ampliada com novos estudos bibliográficos e, talvez, com outros métodos de pesquisa, no sentido de confirmar, ou não, as inspirações que emergiram deste trabalho, lançar novos olhares e, ainda, buscar respostas mais aprofundadas.

De forma pontual e específica, entretanto, este trabalho procurou dar sua contribuição para o entendimento de um fenômeno que ainda se coloca como algo a ser explorado, qual seja, como as religiões conviveram com os impactos da pandemia de Covid-19, a qual provocou mudanças significativas na forma com que as pessoas e as instituições, inclusive as religiosas, reorganizaram sua ação na sociedade.

Colaboradores

L. A. SOUZA contribuiu com a concepção e desenho, análise, revisão e aprovação da versão final do artigo.
B. PAULA contribuiu com a análise, revisão e aprovação final do artigo.

Referências

Callia, M. H. P. Introdução. In: Oliveira, M. F.; Callia, M. H. P. (org.). *Reflexões sobre a morte no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2005.

Catecismo da Igreja Católica. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Nossa Páscoa: subsídios para a celebração da esperança*. São Paulo: Paulus, 2017.
- Favreto, C. Liturgia das exéquias em tempos de pandemia. *Revista Teopraxis*, v. 37, n. 129, p. 83-104, 2020. Disponível em: <https://itepa.com.br/ojs/index.php/teopraxis/issue/view/1/2>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- Franco, C.; Torres, V. R. Religião, morte e políticas públicas de saúde: cientistas das religiões na elaboração dos processos de luto. São Bernardo do Campo. *Revista Eletrônica Correlatio*, v. 16, n. 2, p. 255-282, 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/8425>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- Giamattey, M. E. P. et al. Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. *Escola Anna Nery*, n. 26, 2022. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0208>
- Josaphat, F. C. *Fé, esperança e caridade: encontrar Deus no centro da vida e da história*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- Miranda, E. E. *A foice da Lua no Campo das Estrelas*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- Miranda, E. E. *Agora e na hora: ritos de passagem para a eternidade*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- Moltmann, J. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Editora Teológica, 2003.
- Pereira, J. C. *Pastoral da Esperança: subsídio de implantação, formação e atuação de agentes*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- Saraiva, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. 10. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.
- Sbardelotto, M. Experiência religiosa na internet e midiaticização da religião: provocações ao diálogo sobre a missão e a pastoral nas redes digitais. *Convergência*, v. 48, n. 462, 2013. Disponível em: http://crbnacional.org.br/wp-content/uploads/2013/06/CONVERGENCIA_462.pdf. Acesso em: 12 jul. 2021.
- Sung, J. M. *Sementes de Esperança: a fé em um mundo em crise*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- Susin, L. C. Funerais em tempos de coronavírus. *Revista IHU Online*, v. 552, 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598000-funerais-em-tempos-de-coronavirus>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- Varella, T. Igreja determina suspensão de missas em Campinas por causa do coronavírus. *UOL Notícias*, Campinas, 14 mar. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/14/igreja-determina-suspensao-de-missas-em-campinas-por-causa-do-coronavirus.htm>. Acesso em: 4 abr. 2022.

Como citar este artigo/How to cite this article

Souza, L. A.; Paula, B. A Pastoral das Exéquias no contexto da Covid-19: sepultamentos realizados sem o ritual da esperança. *Reflexão*, v. 47, e225491, 2022. <https://doi.org/10.24220/24476803v47e2022a5491>